

# Tecnologia a serviço da tradição: duas experiências na sociedade indiana

Olivia Hirsch

## Resumo

O artigo busca analisar de que maneira novas tecnologias são apropriadas e ganham sentidos completamente inesperados em sociedades ditas tradicionais, como é o caso da Índia. Mais especificamente, o artigo trata do uso da Internet como ferramenta para facilitar a realização dos chamados “casamentos arranjados”. Ainda que seja usada para atender a uma demanda tradicional, a Internet ao mesmo tempo permite uma maior ingerência do indivíduo no processo de busca do parceiro, o que vem de certa forma promovendo uma reinvenção da tradição. Outro exemplo analisado diz respeito à utilização, hoje controlada pelo governo indiano, do exame de ultra-sonografia. Criada para diagnosticar problemas de formação, a tecnologia permite a detecção prematura do sexo do bebê, contribuindo para o aumento do número de aborto de bebês do sexo feminino.

*Palavras-chave: Tecnologia, tradição, apropriação social, Índia.*

## Abstract

The paper analyses how new technologies are incorporated and gain totally unexpected senses in societies which are usually considered as traditional, like the Indian society. More specifically, the paper refers to the use of the Internet as a tool to facilitate the so called “arranged marriages”. Even though it is used to satisfy a traditional demand, at the same time the Internet allows the individual to have a more relevant participation in the process, what to some extent contributes to ‘reinvent’ the tradition in a new format. Another example analyzed in the paper concerns the use, currently controlled by the Indian government, of ultrasonography exams. Developed to help diagnose malformation problems, the technology permits the premature detection of the baby’s sex, contributing to the increase of abortion rates of baby girls.

*Keywords: Technology, tradition, social incorporation, India.*

## Introdução

*Globalização, mondialisation, globalización, globalisierung.* Seja em qual for o idioma, o fenômeno da globalização gera intenso debate intelectual e popular ao redor do mundo.

Para alguns intelectuais, o fenômeno não é exatamente novo, mas uma construção primordialmente ideológica, que contribui para a justificação do projeto neoliberal global. Batizados de *céticos* (Giddens, 2003), estes argumentam que o que se assiste hoje é, quando muito, uma reversão ao modo como o mundo era há um século, tendo em vista que no período de 1890 a 1914 – considerado a *belle époque* da economia –, já se experimentara uma economia global aberta, com intensa comercialização, inclusive de moedas.

No outro lado da corrente, os chamados *radicais* (*idem*) consideram a globalização contemporânea um acontecimento histórico real e significativo, observável no mercado global – que seria hoje muito mais desenvolvido até do que nas décadas de 1960 e 1970 – e na indiferença em relação às fronteiras nacionais. Como afirmou Kenichi Ohmae, escritor japonês da área de negócios, as nações teriam se convertido em meras “ficções”, após terem perdido parte de sua soberania.

Concentrados, principalmente, nos aspectos econômicos do fenômeno, *céticos* e *radicais* deixaram, no entanto, de destacar o fato de que a globalização é tanto econômica quanto política, tecnológica e cultural, influenciada principalmente por desenvolvimentos nos sistemas de comunicação que surgiram no final da década de 1960, época em que o primeiro satélite comercial foi lançado ao espaço.

Hoje, a comunicação instantânea se tornou corrente e é responsável por um aumento exponencial do volume de comunicações culturais globais, ignorando fronteiras nacionais. Em números, se levarmos em conta que foram necessários 40 anos para que o rádio nos Estados Unidos atingisse a marca de 50 milhões de ouvintes, é de surpreender a ampla propagação do computador, que registrou a mesma cifra de usuários em apenas 15 anos no país.

Ainda mais impressionante é a disseminação da Internet em escala global. Segundo Castells (2001), a explosão da *world wide web* como sistema de comunicação data dos últimos anos do século passado. Em 1995, primeiro ano de utilização generalizada da rede mundial de computadores, havia no mundo aproximadamente 16 milhões de usuários, cifra que saltara para mais de 400 milhões no começo de 2001. As previsões, afirma o autor, dão conta de que até 2010 haverá cerca de 2 bilhões de *internautas* ao redor do globo, mesmo levando-se em consideração a pobreza e as deficiências tecnológicas enfrentadas por muitos países.

Assim, das ilhas mais remotas do Pacífico ao país mais populoso do mundo, a China, sujeitos estão sendo expostos como nunca antes aos valores de outras culturas. Os fluxos

globais converteram o “outro”, antes exótico, em interlocutor (Featherstone, 1995), e o contato com imagens, bens e signos extraídos de outras partes do globo é cada vez mais intenso. Em outras palavras, a comunicação instantânea não é apenas um meio pelo qual as informações e notícias são transmitidas mais rapidamente, mas representa uma mudança na natureza da experiência cotidiana em todo o mundo. Não são apenas indivíduos que operam as novas tecnologias, mas pessoas que afetam e são afetadas por elas. Daí resulta a pertinente observação de Turkle (1995:26): “Os computadores não apenas fazem coisas por nós, eles fazem coisas em nós”.

Ao contrário da atmosfera eletromecânica – que permeou o começo do século XX e é marcada por um distanciamento entre homem e máquina –, a cibercultura propicia novas formas de *apropriação social* dos objetos tecnológicos (Lemos, 2002). A função do objeto não mais determina seu uso, nem está sujeita às prescrições da racionalidade técnica. Segundo Lemos, a apropriação possui, sim, uma dimensão técnica, já que o usuário deverá ser capaz de utilizar o objeto, mas também outra, simbólica, subjetiva, que diz respeito ao espaço preenchido pelo imaginário do sujeito. Este espaço pode implicar a criação de finalidades inicialmente não previstas quando da construção da tecnologia. Assim, o que se nota é um certo “esvaziamento do totalitarismo do objeto”, na medida em que há cada vez mais uma interação do usuário – que é agente, e não passivo – com o objeto, a fim de completar o espaço não planejado pelo produtor/inventor. A este tipo de *media*, que permite uma maior interatividade, McLuhan (1968 apud Lemos, 2002: 77), em seu tempo, batizou de *media* frios, que seriam a televisão, o telefone, a palavra e os alfabetos pictográficos; hoje incluiríamos também a Internet, os telefones celulares, os vídeos digitais etc. Em oposição, os *media* quentes seriam aqueles que não prevêm um espaço a ser preenchido pelo espectador, posto que são de “alta definição”, como o rádio, o cinema, a fotografia, o teatro e o alfabeto fonético.

Retomando a argumentação acerca da apropriação social, é interessante observar como em cada cultura difere a forma como as pessoas utilizam a mesma tecnologia. Seria uma variante dessa abordagem a famosa discussão sobre “antropofagia”, mencionada por Rolnik (2000), que marcou a Semana de Arte Moderna de 1922. A prática de “digerir” ou “domesticar” o estrangeiro, bandeira levantada pelos modernistas brasileiros, se encaixa muito bem quando analisamos o uso das novas tecnologias por parte de sociedades consideradas “tradicionais”. Neste mundo globalizado, em que a modernização já não se restringe a determinadas áreas geográficas, a tradição e a tecnologia dialogam e, por vezes, se mesclam de maneiras inesperadas. Sem escapar ilesa dessa aproximação, a tradição interage e, muitas vezes, acaba recrutando a tecnologia a seu favor. Esse trabalho busca justamente analisar, ainda que brevemente, alguns casos em que houve uma apropriação da tecnologia pela tradição, que, por sua vez, também acabou sendo modificada a partir desta interação.

O diálogo entre tradição e tecnologia nem sempre foi desejado, ou mesmo possível. O Iluminismo, no século XVIII, depreciou a tradição, na medida em que seus pensadores tentaram justificar o interesse exclusivo pelo “novo” identificando tradição com dogma e ignorância. Ao mesmo tempo, os valores associados à ciência e à técnica, como objetividade, racionalidade, universalismo e neutralidade converteram-se nos supremos da emancipação positiva e iluminada (Lemos, 2002:52). Nascia, assim, a modernidade ocidental. A técnica se convertia, simbolicamente, em instrumento de transformação social e de dominação da natureza, inserindo as “crenças, tabus e explicações mágicas” no âmbito da tradição. Era o “desencantamento do mundo” proclamado por Max Weber, um momento em que tradição e ciência, longe de qualquer negociação, eram colocados em pólos opostos. Segundo Habermas (1981 *apud* Lemos, 2002:53), “o processo de racionalização da cultura ocidental significa que os setores, de agora em diante tratados por especialistas (a ciência, a moral, a arte) tornam-se autônomos e rompem suas ligações com correntes da tradição”.

Curiosamente, o mesmo simbolismo que converteu a técnica moderna em instrumento de dessacralização da natureza, transformou-a em um “Deus supremo da sociedade”. É por esse motivo que, para alguns intelectuais, o Iluminismo não deve ser visto como uma antítese da tradição, mas, ao contrário, ele próprio uma tradição, que direciona a forma de compreensão do mundo (Thompson, 1995:185).

De qualquer maneira, é dentro dessa nova estrutura social, regida pela primazia científico-tecnológica, que emerge uma organização laboral marcada pela divisão de tarefas e pela otimização do tempo, afetando intensamente a vida cotidiana do Ocidente.

Neste contexto, a idéia que se tinha era de que à medida que cada nação não-ocidental se modernizasse, subiria na hierarquia rumo ao “progresso” – parte de um amplo conjunto de processos que incluía a industrialização, a urbanização, a burocratização, o crescimento do individualismo e a formação do Estado. Com isso, distanciar-se-iam gradativamente de seu passado de sociedades tradicionais.

De acordo com Featherstone, é justamente a noção de que todos se encaminham rumo a uma mesma história, a um desenvolvimento comum, que tem sido desafiada pelas teorias pós-modernas. “A pós-modernidade não deve ser considerada uma nova época, um novo estágio de desenvolvimento a partir da modernidade, mas como a percepção dos pressupostos imperfeitos desta última” (Featherstone, 1995:125). O pós-modernismo representaria, assim, o “fim da história”, no sentido de que rejeita a noção de uma narrativa única para todos. O *continuum*, formulado pelo Ocidente, que prevê a constituição de sociedades pré-modernas, modernas e pós-modernas, não é uma fórmula ou um modelo que possa ser aplicado a todos. “Contra-histórias”, que começam a eclodir a partir do fim das meta-narrativas, dão conta da “elasticidade da tradição e da religião, da invenção e da

reinvenção do sagrado e dos vários sincretismos que estão surgindo no mundo” (*ibidem*: 119) a partir da possibilidade de diálogo.

Neste cenário parece se enquadrar o caso indiano. Em uma sociedade altamente “tradicional”, em que a família e a religião exercem, até hoje, importante influência sobre a população – características, segundo o ponto de vista ocidental, de sociedades pré-modernas –, novas tecnologias e a ciência são intensamente absorvidas, quando não produzidas e exportadas ao mundo. De fato, o país é famoso por ser uma rica fonte de mão-de-obra do setor de informática. Essas supostas divergentes visões de mundo, que implicam, ao mesmo tempo, devoção religiosa e racionalidade técnica, por exemplo, não causam fissuras na sociedade e, pelo contrário, se complementam. São fruto de decisões coletivas acerca do que investir simbolicamente ou valorizar, ou seja, da tradição (DaMatta, 1993). O mais *high-tech* e o mais tradicional se somam, um sendo modificado e influenciado pelo outro. Talvez esse ponto deva ser um pouco mais discutido, tendo em vista ser comum atribuir-se ao conceito de tradição noções de conservação, imobilidade e “autenticidade”.

Hobsbawm (1997:9) sugere que, com frequência, tradições que parecem antigas são, na realidade, bastante recentes, quando não inventadas. O autor cita o exemplo da pompa que cerca as cerimônias públicas das quais a realeza britânica participa, que aparentemente remonta a um passado imemorial, mas que assumiu a forma que apresenta hoje apenas nos séculos XIX e XX. Assim, o termo “tradições inventadas” refere-se àquelas criadas e institucionalizadas e, também, àquelas que surgiram em um tempo que não é possível precisar com exatidão, mas que se estabeleceram muito rapidamente. A tentativa seria, justamente, a de estruturar a tradição de forma a aparentar que alguns aspectos da vida social são imutáveis, em resposta às constantes mudanças e inovações do mundo moderno.

É certo que algumas tradições, como provavelmente muitas daquelas associadas ao hinduísmo – religião da qual 75% dos indianos são adeptos –, ao islamismo e a outras religiões perduram há centenas de anos e permanecem reconhecíveis até os dias de hoje. Porém, não restam dúvidas de que esta continuidade é permeada por mudanças na forma como tais tradições são interpretadas e seguidas. De acordo com Giddens (2003:51), “uma tradição completamente pura é algo que não existe”. Assim, além de muitas vezes inventadas, como afirmou Hobsbawm, parece mais apropriado sugerir que as tradições são constantemente “reiventadas”, mesmo as que têm sua origem nos tempos mais remotos, já que, como parte integrante e, ao mesmo tempo, formadora da cultura – necessariamente dinâmica –, não teriam como permanecer estáticas e imutáveis.

### *Casamentos planejados*

A instituição do casamento arranjado é uma prática comumente encontrada na cultura indiana. Por séculos, as famílias selecionaram noivos e noivas a partir dos seguintes

critérios: casta e compatibilidade de classe social; semelhanças regionais e religiosas; histórico familiar; e, mais recentemente, nível educacional e econômico. Trata-se de um contrato entre duas famílias e, em sua forma tradicional, enfatiza os interesses da família e da comunidade, diferentemente dos casamentos no Ocidente, que atualmente privilegiam os interesses individuais.

Outra grande diferença acerca da instituição do casamento na sociedade indiana e no Ocidente é a visão de que o casamento é um compromisso para toda a vida. No hinduísmo, religião que tem grande influência na vida da maioria dos indianos, o casamento é visto como a única forma de dar continuidade à família, pagando a “dívida” que o sujeito possui, desde o nascimento, com seus ancestrais, além de ser considerado uma forma de se alcançar crescimento espiritual. Por este motivo, a separação é considerada tabu, e são raros os que recorrem a este tipo de medida.

No Ocidente, por outro lado, a “prisão” que representa o casamento – é comum dizer-se no Brasil, por exemplo, que o homem está “indo para a forca” na ocasião do matrimônio – pode contar sempre com a “presunção do divórcio” (Pais, 2006:2), o que significa que se a união não der certo por algum motivo, há sempre a possibilidade de se recorrer à separação. A garantia de mobilidade e elasticidade a que têm acesso os jovens descritos por Pais permite que estes abracem “estilos de vida escapatórios”, o que é praticamente negado aos jovens de sociedades consideradas tradicionais, como é o caso da indiana, já que frequentemente os interesses individuais estão subordinados aos da família e são definidos desde muito cedo. O que se vive é um “futuro desfuturizado” (Pais, 2006:3), mas por motivos diametralmente opostos aos apresentados pelo autor em relação aos jovens ocidentais. A motivação, neste caso, é justamente o excesso de previsibilidade, e não o fato de o futuro estar “(des)governado pelo princípio da incerteza” (*ibidem*:\_\_).

Ao descrever as mudanças conjugais contemporâneas observadas no Ocidente, Bizon (2004:48) dá mais uma mostra de que nem todas as sociedades se encaminham rumo a um desenvolvimento comum, como fora mencionado anteriormente. De acordo com o autor, no início do século XX, o ideal e a prática dos casamentos arranjados, até aquele momento em vigor no Ocidente, foram, aos poucos, substituídos pelo “casamento por amor”, o que significa que houve escolha pessoal dos cônjuges, e que estes tiveram como motivação “única” o sentimento amoroso. No entanto, nas últimas décadas tem-se observado outra mudança: a progressiva dissolução deste tipo de ideal pelo de “juntos por amor”, o que representa um enfraquecimento da instituição do casamento, hoje menos frequente e mais instável nestas sociedades.

Sem trilhar igual percurso, os casamentos na sociedade indiana também vêm sofrendo modificações ao longo dos anos. Versões modernas do casamento arranjado já incluíam o “casamento semi-arranjado”, no qual os pais elegiam o parceiro para seus filhos, mas estes poderiam rejeitá-lo caso não estivessem de acordo, o que não ocorria até os anos de

1970 e 1980. Mas, pode-se dizer que uma nova e grande mudança está, atualmente, em curso como consequência do uso dado à Internet no país. No entanto, antes de enveredar por este caminho, parece ser válida uma descrição, ainda que breve, dos casamentos arranjados na Índia.

Em geral, apesar de haver pequenas variações entre comunidades e regiões, o casamento arranjado na Índia segue os seguintes passos<sup>1</sup>: primeiro os pais revelam a amigos e conhecidos que estão em busca de um companheiro para seu filho ou filha, a fim de selar uma aliança entre as famílias. As formas de se fazer esta divulgação variam, conforme se descreverá mais adiante. São considerados, neste primeiro estágio, a casta, o idioma (na Índia são falados 28 dialetos), a região de origem e o local onde mora o pretendente, o histórico familiar, inclusive em relação a doenças, os níveis educacional e econômico etc.

O próximo passo é a troca de “*birth horoscopes*”, uma espécie de mapa astrológico dos pretendentes, feito com base nos conhecimentos da Astrologia Védica<sup>2</sup>. Esta troca já é uma forma de mostrar que ambas as famílias estão interessadas na realização do casamento. São consultados astrólogos e religiosos para que examinem os dois mapas e avaliem se há compatibilidade entre o casal, o que é determinado, em grande parte, pela localização da Lua no momento do nascimento. Em seguida, é dada uma pontuação para o grau de compatibilidade entre os dois, que pode variar entre 0 e 36 pontos. A crença vigente é de que, quanto maior a pontuação, maior a “química” do relacionamento e as chances de o casamento prosperar. Segundo informações contidas no *site Shaadi.com*, “*the analysis determines the difference in personality and nature between two people in a quantitative and precise manner. The test is very accurate in determining both strengths and weakness in a relationship*”. É por isso que, com frequência, quando o resultado da pontuação é baixo, o processo para se arranjar o casamento é interrompido.

O terceiro estágio é o de troca de fotos, entrevistas e checagem de informações. Até este momento, é comum a noiva e o noivo não saberem a aparência de seu possível futuro companheiro. Depois da troca de fotos é marcado um encontro (chamado *darshan*), com a presença dos pais e familiares. Paralelamente, são feitas perguntas detalhadas a parentes e amigos para se checar informações e obter dados sobre o passado e possíveis maus hábitos do pretendente (como consumo de bebidas alcoólicas e cigarro).

Se, chegado esse momento, todos estiverem de acordo, a logística da boda é, então, discutida. Os pais deliberam sobre quanto cada um pagará para custear a festa, quanto será o dote, onde o casal irá morar etc. Depois de aceitos os termos, são distribuídos doces e anunciado o noivado. A partir desse momento tem início a troca de presentes, ou, em outras palavras, o pagamento do dote.

No caso de surgirem dificuldades para se arranjar o casamento, a família pode contratar alguém para auxiliar na tarefa. Em geral, são profissionais que atuam como conselheiros no processo de seleção. Outra maneira muito popular de se buscar o futuro com-



panheiro é através de anúncios de jornais, uma das principais fontes de renda dos maiores periódicos do país – o jornal *The Times of India* costuma ter, em média, 14 páginas nesta seção em sua edição dominical. Tais anúncios geralmente são colocados pelos pais e têm como alvo os futuros sogros.

Com o advento da Internet, no entanto, esse processo vem sofrendo alterações consideráveis. A principal delas é que cada vez mais os próprios interessados, e não seus familiares, buscam os futuros companheiros através de agências de matrimônio *on line*. “Já que tudo é possível, ela (a Internet) manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade”, apregoeou Pierre Lévy (2002:14). De fato, o que se observa é que esta mudança é uma expressão de liberdade dos jovens, mas uma liberdade negociada, controlada, não uma manifestação de rebeldia. Isso porque, apesar da iniciativa partir do jovem, ela tem como objetivo atender aos padrões dos mais velhos, como buscar alguém que seja da mesma casta, do nível educacional esperado pelos pais etc. Ou seja, os interesses individuais permanecem, de certa forma, subordinados aos da família, no entanto, já é possível notar uma maior participação do indivíduo no processo.

Atenta a essas alterações, a agência *Matrimonials.com* afirma, em sua página na *web*, que a realidade da nova geração, hoje, no Oriente, é o “casamento planejado”. Segundo a agência, a diferença entre o casamento arranjado e o planejado é justamente o fato de o indivíduo assumir um papel ativo na seleção de seu companheiro(a), mas este também difere do “casamento por amor”, associado ao Ocidente, porque as pessoas se conhecem com a intenção predeterminada de se casar:

Planned marriage combines the best of both worlds. Most people these days actually want a planned marriage, but may still be incorrectly referring to it as arranged marriage. The term arranged marriage has developed a lot of negative connotation in the West and should never be used as a substitute for the term planned marriage<sup>3</sup>.

Harsha Kumar, 29 anos, que nasceu na Índia, mas mora nos Estados Unidos, foi um dos que encontrou sua futura mulher em uma agência na *web*. Segundo Kumar, em entrevista ao jornal americano *The New York Times*: “Eles [seus pais] tiveram o que queriam e eu tive o que queria, e acho que a escolha foi até melhor do que se fosse um casamento arranjado ou um por amor”.

De acordo com uma pesquisa realizada pela indiana *Internet and Online Association* (IOA)<sup>4</sup>, mais de 30% dos homens preferem buscar sua companheira exclusivamente na Internet, preferência compartilhada por 20% das mulheres entrevistadas. Com mais de 4 milhões de inscritos em 2004, as agências de matrimônio *on line* registraram um crescimento de 77% em relação ao ano anterior.

Um fator que pode ser considerado determinante para tamanha popularidade é que



a busca *on line*, diferentemente da tradicional, permite que se especifiquem os pré-requisitos do “parceiro ideal” e se faça a pesquisa em questão de segundos, em toda a base de dados da agência. Normalmente, os *sites* dispõem de dois tipos de busca, uma “simples”, com perguntas básicas como religião, casta, idade e estado onde vive, e, outra, “avançada”. Esta última, no caso do popular *IndianMatrimonials.com*, compreende 28 quesitos, com perguntas fechadas sobre, por exemplo, a cor da pele (na Índia há uma grande variação na tonalidade da cor de pele entre o Norte, onde costuma ser mais clara, e o Sul, onde é mais escura), língua materna, dieta alimentar (o vegetarianismo é muito comum entre os hindus), tipo de corpo, valores culturais (que variam de “mais ocidentais”, “misturados” e “mais orientais”), nível religioso (que varia entre “muito religioso”, “moderado” e “pouco”), se a pessoa faz uso de turbante, se possui passaporte de outras nacionalidades, se está disposta a viajar, entre outros. Essas duas últimas perguntas são frequentes nos *sites* de matrimônio, tendo em vista o fato de serem muito procurados por pessoas que emigraram<sup>5</sup>, mas buscam alguém para se casar no país de origem.

À disponibilidade de informação, normalmente acompanhada de foto, se soma a facilidade para se conhecer melhor o outro através de trocas de mensagens eletrônicas ou em salas de bate-papo (*chat*), sem a presença dos pais, como tradicionalmente ocorre durante o *darshan*.

Nesses contatos virtuais, a tônica é a exposição de si aos possíveis pretendentes, naturalmente através da exibição de créditos positivos, mas sempre com uma preocupação com o real, já que estes atributos deverão ser checados mais adiante, diferentemente da “identidade social virtual” observada por Pais nos *chats* (2006:10), que diz respeito a personagens “desacreditáveis”, embora tenham sido criados com o desejo de não se “desacreditarem”. Nessas agências de matrimônio, o que prevalece é o sujeito real, não o disfarce ou a pretensão de se fazer passar por outro, características também observadas por Almeida e Eugênio nas salas de bate-papo no Brasil, cujos usuários tinham como motivação conhecer pessoas novas, mas a maioria apenas virtualmente e sem qualquer compromisso.

Na realidade, a preocupação com o “êxito” do casamento – em geral, traduzido em termos de durabilidade, como já mencionado – é a tônica dos “casamentos planejados”<sup>6</sup>. Para que isso seja alcançado, além da avaliação de compatibilidade dos mapas, os *sites* ensinam algumas *estratégias* necessárias para se achar o parceiro que “passará o resto da vida ao seu lado”. Um diz respeito, por exemplo, às informações que devem ser incluídas no perfil que será postado na página *web*, a como se diferenciar dos demais, etc. Assim, ao contrário do casamento por amor, o processo que leva a um “casamento planejado” é marcado pelo controle e pelo pragmatismo que “caracterizam nosso espírito de época” (Almeida e Eugênio, 2004:9).

Tariq Ahmed, um jovem muçulmano<sup>7</sup>, conheceu a mulher com quem se casou através de uma agência de matrimônios e é um feroz defensor da *web* como instrumento para

se encontrar o “parceiro ideal”. Ahmed, que trabalha com informática, conta sua experiência em páginas na Internet e inclusive dá recomendações sobre como proceder para se encontrar o(a) futuro(a) companheiro(a) em um casamento planejado:

The general cultural way is your parents or relatives try finding you a mate. Some details are exchanged, and some pictures swapped. If everyone is happy then there's some meetings, and it's all supposed to be chaperoned. You then do some prayer, and if everyone has a good vibe on the situation you're supposed to make a decision. This used to work, and it still may work, because everyone believed in this tradition. For the current generations looking to find a mate, this doesn't work. With the divorce rate being so high in general, even with Muslims (it's well hidden, but you would be surprised), making a life long decision isn't something you just easily do. [...] One thing you are accepting in marriage is that you are taking a risk no matter what. With Islamic/Indian belief, you are using God's guidance to help you make the right decision. However, God doesn't help someone who doesn't help himself. There is an aspect of fate involved, but at the same you have to take control of your life. [...] It takes total strategy and a bit of luck.<sup>8</sup>

No depoimento acima, fica nítida a maior participação do indivíduo no processo, bem como a preocupação com a responsabilidade e o risco dessa ação, que tentam ser minimizados através do controle e do cálculo. Mesmo nas sociedades ou, como é o caso de Ahmed, nas famílias mais tradicionais – noutro relato ele descreve seu pai como um homem ortodoxo –, as mudanças (ou reinvenções) de certas tradições acabam introduzindo novas dinâmicas ao grupo. Assim, na medida em que certas atividades são de alguma maneira menos estruturadas pela tradição e pelos costumes, cabe ao indivíduo, na mesma proporção, assumir parte desses domínios, aumentando a exigência de tomada de decisão (Giddens, 2003:56). O mesmo autor se refere, no caso do Ocidente, ao surgimento de um “sujeito hiper-reflexivo” como resposta ao fim das instituições balizadoras da vida cotidiana. No caso de algumas sociedades orientais, no entanto, parece fazer mais sentido referir-se a um “sujeito mais reflexivo”, já que as tradições vêm sofrendo alterações, mas permanecem muito influentes.

Tais modificações ou reinvenções pelas quais as tradições vêm passando no mundo globalizado em que vivemos hoje podem ser, de certa forma, compreendidas a partir do conceito de “tradução” cultural (Burke, 2003; Hall, 2005), que em muito se aproxima do de “antropofagia”. Segundo Burke, o termo “tradução” enfatiza o trabalho que deve ser feito pelo indivíduo ou pelos grupos para “domesticar o que é estrangeiro”. São as estratégias e táticas para negociar com o que vem de fora. Como mencionado antes, a intensificação do contato com outras culturas promovido pela Internet, a televisão ou o cinema, por

exemplo, apresentam novas realidades, que podem ser motivo de resistência – como é o caso dos fundamentalistas, que se recusam ao diálogo – ou de negociação, sendo absorvidas, mas não simplesmente assimiladas.

O conceito de “tradução” pode ser facilmente compreendido, em seu grau máximo, se observarmos casos de emigrantes – pessoas que deixaram seus países ou foram dispersos deles – que não têm qualquer expectativa de retorno. Esses sujeitos retêm fortes vínculos com as tradições de seu lugar de origem, pelas quais foram profundamente marcados, mas são obrigados a negociar com as novas culturas em que vivem, tornando-se o produto de “histórias e culturas interconectadas”. De acordo com Hall (2005:89) “as pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas”.

Com a globalização, no entanto, as pessoas já não precisam deixar seus países de origem para experimentar esse processo. Nesse sentido, o “casamento planejado” surge como um bom exemplo. O “casamento por amor”, ou até mesmo o *juntos por amor*, mencionado por Bozon (2004), são cotidianamente representados nas telas de cinema, nas novelas exportadas, nos filmes da TV, nas fotos postadas na Internet, nas histórias contadas por familiares que partiram, quando não observados nas viagens cada vez mais freqüentes a outros países. Assim, pode-se dizer que o contato com outras formas de relacionamento e a introdução e acessibilidade da nova tecnologia, no caso a Internet, foram cruciais para a reinvenção do casamento arranjado.

### *Aborto seletivo de meninas*

Outro exemplo em que podemos constatar que houve uma apropriação social do objeto tecnológico, também na Índia, foi no uso dado aos aparelhos de ultrassonografia.

Inventada em meados da década de 60, a ultrassonografia produz imagens em tempo real do corpo humano e uma de suas principais finalidades – originariamente – é a visualização dos movimentos do feto na barriga da mãe, possibilitando verificar se o embrião está se desenvolvendo normalmente dentro do útero. A tecnologia, relativamente barata e acessível, também permite detectar o sexo do bebê.

Introduzido na Índia na década seguinte à sua criação, o aparelho se disseminou no país sul-asiático. Em 1986, por exemplo, um estudo contabilizou 248 clínicas e laboratórios, e uma média de 16 mil testes realizados na região metropolitana de Mumbai (Bombaim). A proliferação continuou durante os anos 1990, quando, em apenas um distrito do estado de Haryana (Norte do país), 65 clínicas que realizavam o teste foram registradas (Mallik, 2003:2). O excesso de oferta fez com que o preço do exame se tornasse cada vez mais barato – variando entre 500 e 1.500 rúpias, algo em torno de R\$ 25,00 e R\$ 80,00.

Mas a explicação para a popularidade da tecnologia em muito difere de sua finalidade original. Na realidade, o motivo que leva tantas mulheres a recorrerem a este tipo de teste é, principalmente, o de identificar o sexo do bebê, para que possam praticar o aborto seletivo de meninas. Previsões do governo, que vem promovendo campanhas contra a seleção por sexo, dão conta de que mais de 70 milhões de bebês poderão morrer nas próximas duas décadas, na Índia, pelo simples fato de serem do sexo feminino<sup>9</sup>.

A emergência desse fenômeno, no entanto, não é consequência simplesmente da introdução da tecnologia, que deve ser vista como uma contribuição adicional a um longo processo de discriminação em relação às mulheres.

Alguns fatores podem ser considerados determinantes para a preferência dos varões em detrimento das meninas: a crença de que os homens são os responsáveis por manter financeiramente a família, e de que serão capazes de sustentar os pais na velhice; o pagamento do dote (realizado pela família da noiva à do noivo por ocasião do casamento<sup>10</sup>); a descendência patrilinear e o fato de que só os homens podem herdar propriedades; e a existência, na religião hindu, de determinados rituais que devem necessariamente ser realizados por homens, como os últimos ritos dos pais, quando de suas mortes.

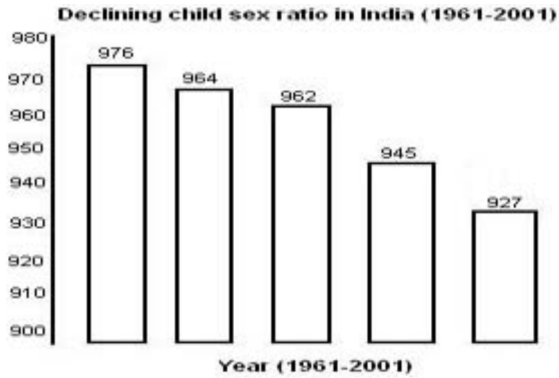
Também não deve ser excluído desse roteiro de motivações o esforço do governo da Índia – país de mais de 1 bilhão de habitantes – para que cada família tenha apenas dois filhos. Esse esforço, vale dizer, vem acompanhado de uma mudança de mentalidade por parte das próprias famílias, que cada vez mais preferem ter menos filhos.

Tal mudança demográfica vem sendo observada na maioria dos “países em desenvolvimento”, e teve início no século XX, fazendo com que, hoje, as taxas de crescimento estejam mais próximas do nível de reposição geracional. Essa transição, segundo Bozon (2004:46), foi financeiramente apoiada por “nações desenvolvidas” do hemisfério Norte, e “em virtude desse voluntarismo político, a contracepção e o controle da natalidade foram propostos a sociedades em que as relações de gênero e o controle social da sexualidade das moças ainda se apresentavam sob uma forma bastante tradicional”.

De fato, foi exatamente isso o que ocorreu no caso indiano, em que os programas de planejamento familiar foram ativados há décadas. Bozon, no entanto, trata a questão como uma “*defasagem* entre o tradicionalismo das relações de gênero e as possibilidades técnicas oferecidas pela modernização” (sem grifo no original), mas parece importante levar em conta que, como discutido antes, não se trata de uma história comum e de níveis de desenvolvimento que caminham em uma mesma direção, mas de narrativas diferentes. E a tecnologia não está excluída desse contexto: narrativas diversas se apropriam, de maneiras diversas, de um mesmo recurso ou objeto.

Não se pretende, com isso, legitimar o feticídio de meninas na Índia, mas não parece correto tratar a questão em termos de “defasagem”, ou nível de desenvolvimento daquela sociedade. Quiçá, sem a interferência financeira dos países do Norte, que traz embutidos

valores e padrões ocidentais, a sociedade indiana não apresentaria, hoje, uma disparidade tão grande entre o número de homens e mulheres. Como indicam as pesquisas, tal taxa está cada vez mais desigual em todo o país (gráfico).



Fonte: Population Foundation of India

Na realidade, o que se observa é uma forma de negociação entre os padrões apresentados pelo Ocidente – ter poucos filhos –, e a preferência por meninos, que é determinada, em grande parte, por fatores religiosos e culturais. O aborto seletivo, favorecido pelo uso que se deu à nova tecnologia, foi a maneira encontrada por muitas famílias para conciliar as duas demandas.

A essa discussão é interessante trazer uma distinção feita por DaMatta (1993) acerca das noções de “regras”, ou “leis constitucionais”, aquelas que são fixas, escritas, feitas e promulgadas, daquele conjunto de normas não-escritas, concebidas como naturais e eternas – as chamadas “regras do coração”. A fundação das “nações modernas” implicaria justamente a absorção do segundo conjunto de normas (vigentes na “casa”, onde há “pessoas”) pelo primeiro (criadas no universo da “rua”, onde predominam os “indivíduos”). O autor tem como tema o Brasil, onde o credo igualitário das leis constitucionais não eliminou as normas simbólicas, que coexistem de forma complementar e inclusiva, dando origem a uma “lógica dúplice” – o que alguns consideram um paradoxo.

A questão do aborto seletivo de meninas, que ocorre com cada vez mais frequência na Índia, parece também poder ser compreendida através dessa coexistência de “leis do coração” e normas constitucionais – o uso indiscriminado da ultrassonografia foi proibido por lei em 1994, e o pagamento de dote, teoricamente, também foi banido –, e não a submissão de uma a outra. O que acontece é que as regras acabam sendo promulgadas com o intuito de corrigir e “reinventar” a sociedade, o que faz com que sejam necessariamente negociadas. Daí o fato de haver hoje, no país, tantos laboratórios clandestinos de

detecção de sexo, muitos instalados ao lado de clínicas de aborto, como afirma a indiana Radhika Balakrishna, pesquisadora do tema e professora da Faculdade Marymount, de Nova York<sup>11</sup>.

### *Considerações finais*

Os dois exemplos descritos ao longo do artigo reforçam a idéia de que a tecnologia e a tradição, diferentemente do que se instituiu no passado, podem caminhar juntas, ou melhor, com certa freqüência tomam este rumo. O que se supunha a extrema “racionalização” e o supra-sumo do “irracional” dialogam, interagem, neste mundo cada vez mais interconectado e aberto a outras vozes.

Sofrendo influências de um modelo ocidental, as “sociedades tradicionais” do Oriente, no entanto, negociam com estas fórmulas, apropriando-se de determinados instrumentos, que tomam a seu favor, de forma a também atender suas demandas, não apenas assimilá-los. Desse contato, então, frutificam *culturas híbridas*, que já não se limitam à experiência cotidiana daqueles que partiram de suas terras com planos de não mais retornar. A globalização, os ágeis sistemas de comunicação e a Internet trouxeram o “outro” para perto. Já não é necessário partir para ter que negociar com a diferença, com outros valores e padrões.

As conseqüências, porém, nem sempre são as que mais se enquadram nos modelos apresentados; não necessariamente por um posicionamento de resistência – consciente ou mesmo inconsciente –, mas por um resultado inesperado de uma tentativa de conciliar as divergentes demandas. É esse o caso, por exemplo, dos abortos seletivos na Índia, que não podem ser explicados simplesmente em termos de tradição, já que a cada ano aumenta a disparidade entre o número de homens e mulheres no país, como sugere o gráfico acima. Não é apenas uma questão de se repetir o que vinha sendo feito há centenas de anos. Este aumento é fruto da apropriação social de uma tecnologia – a ultrassonografia –, aliado à manutenção dos valores que favorecem a preferência pelo sexo masculino, bem como à pressão por controle demográfico exercida pelos países do Norte. Dinâmica como é a cultura, não era realmente possível prever o resultado proveniente da união de tais variáveis. Provavelmente não terá agradado a tais nações o fato de que nos próximos 20 anos aproximadamente 70 milhões de meninas indianas não terão a chance sequer de viver, mas não há como negar que há uma negociação em curso e uma tentativa de se conciliar demandas com essa atitude. Ou seja, para usar um termo criado a partir de Hobsbawm, houve uma reinvenção da tradição.

Da mesma forma, foi assim que surgiram os “casamentos planejados” na Índia. A maior liberdade proporcionada pelo objeto tecnológico – que já não tem sua finalidade totalmente definida por seus inventores/criadores – contribuiu para dar nova forma aos

tradicionalis “casamentos arranjados”, que também remontam há centenas de anos. Naturalmente, o processo já vinha sofrendo alterações, como ocorre com toda tradição. Foi novidade, nas décadas de 70 e 80, a prática de se indagar aos noivos se concordavam com a escolha dos pais sobre seus futuros companheiros, o que até então ocorria sem que sequer houvesse tal consentimento. No entanto, não há dúvidas de que a apropriação social da Internet naquele país foi responsável por uma verdadeira revolução no processo. Não à toa, já há quem defenda a criação (ou invenção) de uma nova tradição: a dos casamentos planejados, que conciliam as demandas tradicionais com as “modernas”, ou seja, aquelas que de certa forma representam um suspiro de individualidade em uma sociedade em que a família e a comunidade detêm grande influência sobre as vidas dos sujeitos. Em outras palavras, começam a surgir “pessoas” onde antes havia apenas “indivíduos”, submetidos à coletividade.

No entanto, deve-se estar atento para não adotar a postura evolucionista que por tantos anos prevaleceu. Esse passo não necessariamente representa um “avanço”, bem como o aborto seletivo de meninas não deve ser considerado um “atraso” ou uma “defasagem”, como argumentou Bozon (2004). Como dito antes, trata-se de narrativas distintas, ou do fim da história. Bem, pelo menos dessa história.

### Notas

1. Dados coletados pela autora durante o tempo em que morou na Índia (entre julho e dezembro de 2002, na cidade de Bhubaneswar, no estado de Orissa) e em sites da Internet que dizem respeito à cultura e à história do país.
2. A Astrologia Védica é uma das ciências encontradas nos Vedas, as antigas escrituras sagradas da Índia. Conhecida como Jyotish, ou a “Ciência das Luzes”, remonta há milhares de anos, sendo ainda hoje muito praticada na Índia e em outros países da região. É considerada no Oriente um método astrológico de grande índice de precisão.
3. Trecho extraído do *site* <http://www.matrimonials.com/plannedMarriage.html>.
4. O resultado da sondagem foi publicado pelo jornal americano Washington Times, em sua versão *on line*, no dia 7 de janeiro de 2005.
5. Estão espalhados pelo globo aproximadamente 20 milhões de emigrantes indianos, de acordo com o relatório “Migration in an interconnected world: New directions for action”, divulgado em outubro de 2005 pela Global Commission on International Migration. A Índia só perde para a China, de onde partiram cerca de 35 milhões de pessoas para tentar a vida em outros países.
6. No texto, a expressão é usada como sinônimo dos matrimônios arranjados via agências *on line*, em que há maior participação do indivíduo no processo de escolha do futuro marido ou esposa.



7. Os casamentos arranjados também são muito comuns entre os muçulmanos e, na Índia, até mesmo entre os cristãos.
8. Trecho extraído do *site* <http://www.matrimoniais.com/Advice/deciding.html>.
9. Um estudo revela que dos 15 milhões de abortos realizados no mundo no ano de 1997, a Índia sozinha respondeu por 4 milhões deles – 90% dos quais tiveram como motivação eliminar o bebê do sexo feminino –, de acordo com dados do Indian Social Institute.
10. Quando da introdução da ultrassonografia no país, um laboratório chegou a divulgar um anúncio para se estimular a realização do teste com a seguinte frase: “Invista 50 rúpias agora e economize 50.000 mais tarde”, referindo-se ao pagamento do futuro dote, segundo a Population Foundation of India.
11. Informação contida em entrevista concedida pela pesquisadora ao *Jornal do Brasil*.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. Sob a regência da presença: cálculo e autogestão entre jovens consumidores de ecstasy. Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Antropologia do Consumo, UFF, Niterói, 26 e 27 de maio de 2004.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.
- DAMATTA, Roberto. Para uma Antropologia da Tradição Brasileira. In *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 125-129.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (10ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HELD, David; MCGREW, Anthony. *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- HIRSCH, Olivia. Onde ser mulher é um risco: preferência por bebês do sexo masculino leva governo de Nova Delhi a lançar campanha para salvar futuro. *Jornal do Brasil*, Editoria Internacional, Rio de Janeiro, , 6/2/2005.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- JANA, Reena. Arranged marriages, minus the parents: for some south Asians, matrimonial sites both honor and subvert tradition. *The New York Times*, New York, 17/10/2000.
- LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. *In* LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MALLIK, Rupsa. Negative choice. Comunicação apresentada no seminário Reproductive Health Matters, Nova Delhi, dezembro de 2003.

NANDA, Harbaksh Singh. India's arranged marriages go online. **Washington Times**, Washington, 1/7/2005.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In* ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos da identidade: subjetividade em tempo de globalização. *In* LINS, D. (org). **Cultura e subjetividade, saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 2000, pp. 19-24.

THOMPSON, John. **The media and modernity: a social theory of the media**. Stanford: Stanford University Press, 1995.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen: identity in the age of the Internet**. New York: Simon & Schuster, 1995.